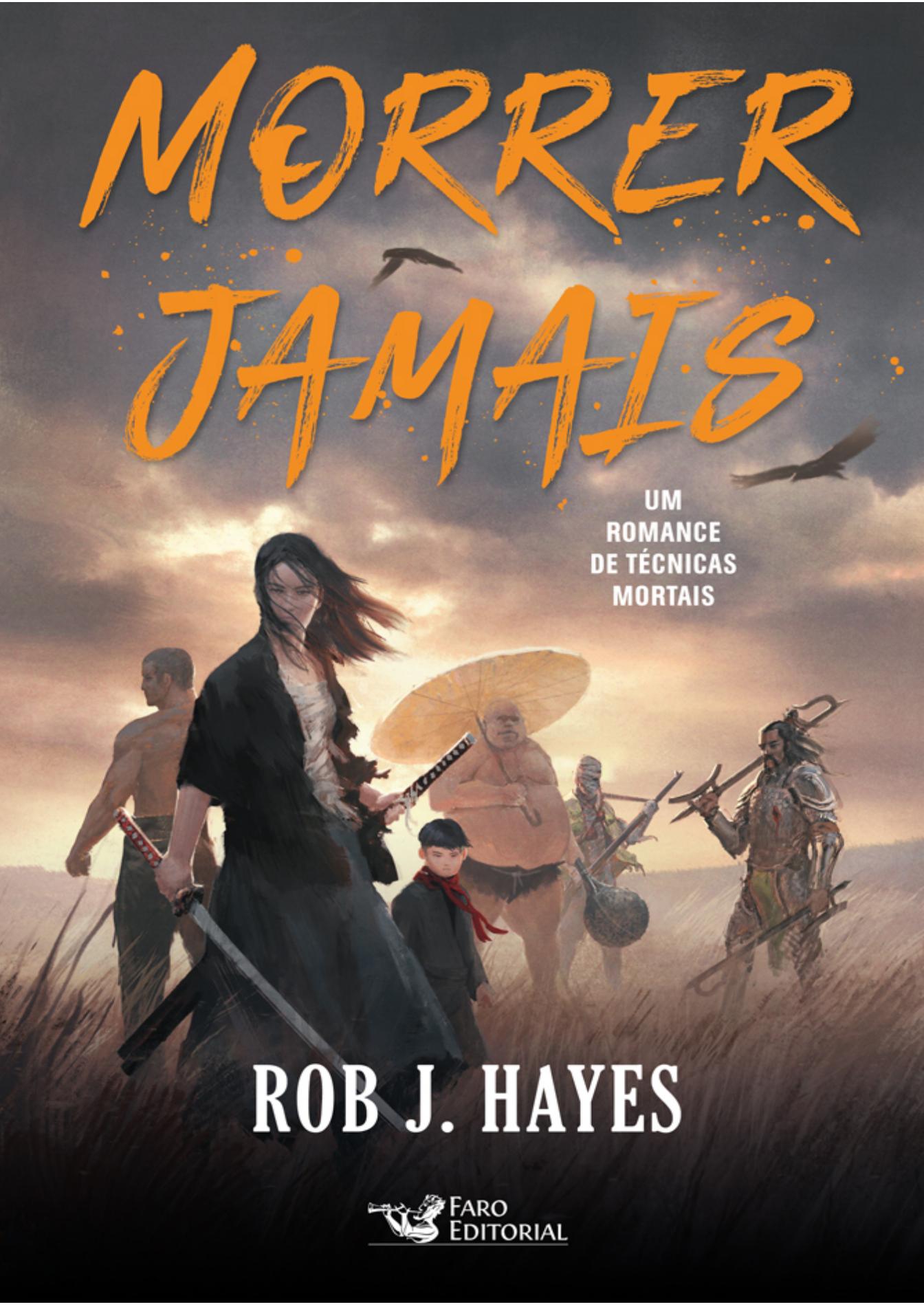


# MORRER JAMAIS

UM  
ROMANCE  
DE TÉCNICAS  
MORTAIS

The illustration depicts a group of characters in a field of tall grass at sunset. In the foreground, a woman with long black hair, wearing a black kimono over a white top, holds a sword. Behind her, a shirtless man walks away. To the right, a large, bald man holds a large yellow umbrella. Further right, a man in traditional armor carries a spear. A small boy in a dark suit and red scarf stands near the woman. The sky is filled with birds and a warm, golden glow from the setting sun.

ROB J. HAYES

 FARO  
EDITORIAL

# MORRER JAMÁIS

UMA  
HISTÓRIA  
DAS TÉCNICAS  
MORTAIS

TRADUÇÃO  
FERNANDO SILVA

FARO  EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2018 ROB J HAYES**  
**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**  
**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**  
Assistente editorial: **JESSICA SILVA**  
Preparação: **JOÃO PEDROSO**  
Revisão: **CRIS NEGRÃO E OLÍVIA FRADE ZAMBONE**  
Ilustração do miolo: **OLEG LYTVYENKO | SHUTTERSTOCK**  
Adaptação de capa e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

---

Hayes, Rob J.

Morrer jamais / Rob J. Hayes ; tradução de Fernando Silva.  
— 1. ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2022.

256 p.

ISBN 978-65-5957-207-6

Título original: Never die

1. Literatura inglesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Silva, Fernando

22-3029

CDD 823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)

## PRÓLOGO

**I**tami Cho acordou com os gritos de sua própria morte. Ela lembrava de tudo.

### 1

**A**s muralhas de Kaishi haviam caído antes que a primeira onda de bandidos chegasse aos portões. Ficou claro, desde o início, que Punho Flamejante havia enviado homens no dia anterior. Eles ficaram escondidos em lugares escuros, becos e esgotos e esperaram o sinal, para então escalar os muros por dentro e matar os defensores da cidade, antes de abrir os portões. Ninguém suspeitava que o ataque acontecesse tão cedo. Cho não esperava que viesse ataque algum. Punho Flamejante não passava de um bandido com seguidores que atacava pequenas aldeias e aqueles incapazes de se defender. Ele simplesmente não tinha os números para atacar uma cidade tão grande quanto Kaishi, não importa o que os relatórios recentes tivessem dito. Cho reavaliou essa opinião assim que os primeiros gritos começaram.

Eles correram da adega para uma rua escura, cheia de cidadãos em fuga. Ricos e pobres empurravam uns aos outros na tentativa de chegar ao santuário. Alguns carregavam suas posses mais valiosas; outros não carregavam nada além das próprias vidas. Eles fluíam em torno de Cho e de seus companheiros, como um rio diante de uma ilha.

Oong, o camarada de Cho, conhecido como Touro Vermelho de Fades, agarrou um dos cidadãos em fuga e puxou o sujeito em pânico da multidão.

— O que está acontecendo? — balbuciou Touro Vermelho.

Ele já estava na terceira jarra de vinho, e não era o único. Até Cho estava se sentindo um pouco tonta por causa da bebida.

— Os portões caíram — gritou o homem, aterrorizado. — Eles estão na cidade. Punho Flamejante veio buscar sua filha!

Touro Vermelho soltou o homem e se apoiou em seu grande cajado com ferraduras.

— Filha? Ninguém disse nada sobre uma filha.

Cho deu de ombros.

— Fomos pagos para defender Kaishi. O que importa o motivo do Punho Flamejante estar aqui?

Qing, muitas vezes chamada de Cem Cortes, fez bico.

— Para mim, importa — disse ela. — Gosto de saber de que lado da luta estou.

— O lado que está nos pagando — disse Oong.

— O lado da inocência e da justiça. Não o lado de bandidos escravizantes.

Não importa quais fossem suas razões para atacar: Punho Flamejante *estava* atacando, e Cho defenderia a cidade, e seu povo.

— Mas eles *estão* nos pagando, não estão? — perguntou Oong, sem resposta.

Os sons da batalha estavam próximos: o choque do aço, o crepitar do fogo, os gritos dos moribundos. Cho abriu caminho em meio à multidão, em direção a esses sons, forçando o povo de Kaishi a se mover ao redor dela. Um homem agarrou seu quimono e tentou puxá-la para longe da luta. Cho o afastou com um movimento do pulso, mas não antes de ouvir um rasgo. Olhou para baixo e viu um pequeno rasgo na bainha, dividindo um dos desenhos de girassol ao meio. Achou uma pena, pois era seu quimono favorito.

Kaishi era uma raridade, com prédios atarracados e ruas de paralelepípedos, estradas largas e casas distantes umas das outras, sem dúvida para impedir que o fogo se espalhasse. Naturalmente, isso não levava em consideração uma gangue de bandidos saqueadores, incendiando tudo propositalmente. Os primeiros soldados de Punho Flamejante que encontraram estavam ocupados matando os guardas da cidade à medida que esses tentavam intervir. Cho não perdeu tempo e correu para ajudá-los. Suas sandálias voavam pelas ruas de paralelepípedos, e seu quimono esvoaçava. Sua primeira espada, Paz, deslizou da bainha com apenas um assobio, cortando um arco silencioso e sangrento. Mais dois bandidos de Punho Flamejante caíram, antes de perceberem que estavam cercados; cada um morreu com um único ataque. Na batalha, precisão era tão importante quanto a força. Muitas vezes, até mais importante.

Touro Vermelho de Fades passou por Cho com um berro de raiva, agitando seu cajado para a esquerda e para a direita, sem se importar com

precisão. Os anéis de ferro nas extremidades do cajado tornavam cada golpe mortal. Qing se conteve. Seus leques de aço estavam prontos, caso algum dos soldados conseguisse passar por Touro Vermelho e por Cho. Nenhum conseguiu.

Quando o último dos bandidos do Punho Flamejante caiu, Cho soltou um suspiro profundo e enxugou Paz, antes de colocá-la de volta em sua bainha, ao lado de sua parceira. Era um ritual de limpeza após a matança, tanto para a alma de Cho, quanto para as espadas. Ela sussurrou uma oração para aqueles que havia matado. Sabia muito bem que as estrelas eram surdas, e que aqueles homens, de um jeito ou de outro, nem mereciam esse gesto.

Os soldados sobreviventes gaguejavam em apreciação. Não estavam ansiosos para ficar, e fugiram para o santuário, junto com aqueles que haviam sido contratados para proteger. Não dava para culpá-los. Eram mal treinados, e, na maioria das vezes, atrapalhavam mais que ajudavam. Precisavam de tanta proteção quanto os habitantes da cidade.

— É melhor irmos — disse Cho, virando-se na direção dos soldados em fuga.

— E quanto a todo o povo que ficou na cidade? — Cem Cortes tinha reputação de gostar de causas perdidas. Cho agora entendia o porquê.

— Eles vão se esconder, fugir para o santuário ou morrer. Não podemos salvar a todos. Nossos esforços serão melhor gastos na proteção do santuário.

Era um bom argumento: não tinham como salvar a todos. Cho preferiu não acrescentar que eles ainda não haviam sido integralmente pagos, e que os homens com o dinheiro estariam encolhidos nos cantos escuros, onde era mais seguro. Os muros sempre deixaram muito mais evidente a diferença entre os ricos e os poderosos. Os ricos se escondiam atrás deles; os poderosos os destruíam.

Cem Cortes hesitou, ainda remoendo a ideia de deixar tantas pessoas à própria sorte. Cho sentiu um peso na consciência. Pouco tempo atrás, ela poderia ter se jogado na cidade, para proteger tantos quanto pudesse. Afinal, o lema de uma guerreira era proteger os fracos e honrar qualquer juramento feito, não importava o custo. Talvez desta vez fosse diferente. Talvez este fosse um juramento que finalmente cumpriria. O bom senso venceu, e Cho virou-se na direção do santuário. Touro Vermelho entrou na fila imediatamente, e Cem Cortes não ficou muito atrás. Alguns nasceram para seguir, não para liderar. Ignorando as brasas brilhantes que flutuavam no céu noturno, correram pelas ruas escuras enquanto a cidade queimava ao redor deles.

O santuário, como o povo de Kaishi o chamava, era, na verdade, um templo dedicado às estrelas. Do lado de fora, era um monumento alto de vários andares, com uma vista imponente da cidade ao seu redor. No interior, porém, havia um porão escondido. Ele guardava uma rede de túneis que levavam à encosta do penhasco mais próximo, emergindo atrás das Cataratas da Fúria. Uma passagem secreta, escondida atrás de uma cachoeira, parecia um pouco óbvia para Cho. No entanto, os funcionários da cidade alegavam que nunca fora descoberta.

Os degraus que levavam ao santuário da cidade já estavam cheios de corpos, alguns dos cidadãos de Kaishi, mas muitos outros de homens de Punho Flamejante. Em meio aos cadáveres estava Murai, o Lâmina Centenária, maior espadachim vivo de toda Hosa.

Apesar do corpo idoso, Lâmina Centenária se movia tão lenta e deliberadamente quanto óleo sobre pedra. Cho reconheceu um dos cadáveres; Lança Errante, um dos maiores capitães de Punho Flamejante, jazia morto, aos pés calçados de Lâmina Centenária. Este, mesmo após uma matança tão memorável, não tinha um arranhão sequer para mostrar.

Cho fez uma reverência, enquanto Lâmina Centenária descia os degraus em direção a ela. Ele não era seu mestre agora, nem nunca havia sido. Porém, merecia respeito, e ela o oferecia de bom grado.

— Você fez tudo isso sozinho, velho? — perguntou Touro Vermelho de Fades.

Cho estremeceu diante de tamanho desrespeito.

Lâmina Centenária sorriu e ignorou Touro Vermelho. A pele enrugada, e a barba branca e rala, faziam-no parecer benevolente, quase gentil. Porém, os corpos sangrando nas proximidades diziam o contrário. Cho se perguntava como ele poderia ter conseguido tal façanha sem ficar com uma única mancha de sangue nas vestes brancas.

Flocos de cinzas flutuavam para dentro da clareira em frente ao santuário. Kaishi estava em chamas. Punho Flamejante adorava queimar coisas, principalmente as próprias mãos. Lâmina Centenária parou diante de Cho e, sempre humilde, apesar de sua idade e experiência, curvou-se.

— Lâmina Sussurrante — disse ele, com uma voz que soava como couro rachado. — Você pode ficar aqui, enquanto eu escolto aqueles que estão lá dentro para uma área segura?

Cho concordou.

— Por que não me ajuda a lutar contra Punho Flamejante?

Lâmina Centenária se curvou novamente e se virou para o santuário.

— O mais verdadeiro dos testes é não fazer nada quando chamado para agir. Embora a recompensa seja, muitas vezes, ingrata. Protegerei os que precisam, e deixarei a glória para os mais adequados a ela. Boa sorte, Itami. — Ele parou ao pé do primeiro degrau e se virou por um momento. — Ele favorece mais o lado esquerdo. Uma lesão velha, causada por um adversário mais velho ainda.

Ainda havia um pequeno fluxo de cidadãos indo em direção ao santuário, e Cho os deixou passar. Cem Cortes até mesmo carregou um velho escada acima. À medida que as chamas ficavam mais altas e mais quentes, os sons da batalha diminuía, finalmente desaparecendo por completo. Cho esperou no segundo degrau, sentada com a bainha puxada sobre o colo, e a mão no punho de Paz, sua espada principal.

Os primeiros soldados de Punho Flamejante correram para o pátio, e fizeram uma fracassada tentativa de tomar o primeiro degrau. Touro Vermelho jogou-os para trás com seu cajado, quebrando ossos e silenciando gritos de dor. Ainda assim, Cho esperou. Somente quando o próprio Punho Flamejante apareceu foi que ela se levantou do segundo degrau.

Ele era um homem grande, sem um único fio de cabelo na cabeça. Entrou na praça montado em um cavalo, aparentemente inadequado para carregar seu peso. Cada uma de suas mãos era uma confusão de cicatrizes enrugadas e feridas gotejantes. Esse é o preço pago por um homem que incendia seus próprios punhos regularmente.

Bandidos emergiram de ruas e becos escuros, seguiram Punho em direção ao santuário, e cercaram os três defensores. Eram tantos fluindo para a clareira, que Cho tinha certeza de que seus olhos estavam lhe pregando peças. Cem Cortes praguejou e retrocedeu até o quarto degrau. Cho sorriu, e desceu para encontrá-los de frente. Até Touro Vermelho parecia estranhamente quieto.

— Onde está a minha filha? — A voz de Punho Flamejante soava como um trovão estrondoso.

Apesar da cidade queimando ao redor e de toda a matança realizada em seu nome, ele parecia entediado.

— Não sei. — Cho se recusava a levantar a voz.

Punho Flamejante respirou fundo e franziu o rosto, como se sentisse um cheiro desagradável.

— Matem eles.

Os soldados avançaram em uma onda, alguns com lanças, outros com espadas e se aproximaram de todas as direções. Não havia táticas para dar, nenhuma ordem especial que pudesse mudar o rumo da batalha. Então, Cho não deu nenhuma. Puxou Paz com ambas as mãos, e atacou a onda que se aproximava, colidindo contra eles e passando por dentro de suas fileiras. Cho se esquivava, se abaixava, girava e até pulava. Cada golpe de Paz era uma morte; cada contragolpe, igualmente mortal. Sem demora, um círculo de corpos se formou ao redor dela, e outros correram para tomar seus lugares. Ela não podia permitir que as lanças a golpeassem de longe, então continuou avançando enquanto ia se aproximando dos inimigos. Espadas caíam em sua direção, desajeitadas e cortantes; ela se afastava de algumas, e colocava outras de lado. As ruas de paralelepípedos ficaram vermelhas, encharcando suas sandálias, e manchando seu quimono.

Touro Vermelho de Fades se mantinha logo depois do primeiro degrau. Seu cajado era um cassetete giratório, que fazia cadáveres quase tão facilmente quanto Paz. Cem Cortes dançava nas bordas do enxame atacante, usando seus leques de aço para ferir, em vez de matar. Era comum que inimigos feridos fossem ainda mais úteis do que os mortos, mas não no bando de guerra de Punho Flamejante. Ali, reunidos por uma vontade forte e um propósito assassino, estavam mais para bandidos do que para soldados. Não paravam para ajudar os companheiros feridos, mas passavam por cima deles para se juntar à luta.

Cho sabia que Touro Vermelho tinha caído quando começou o primeiro grito de comemoração. Não havia como lutar para ajudá-lo; entre golpes de espada e corpos caídos, ela vislumbrou Cem Cortes morrer tentando. Em um momento, a mulher estava dançando ao redor das espadas, derrubando inimigos e deixando rostos cortados em seu rastro; no próximo, tinha uma lança irrompendo da garganta. Cho viu o olhar de horror no rosto de Cem Cortes. Essa visão ficaria com ela pelo resto da vida.

A horda de bandidos se aglomerando para matá-la parecia não ter fim, assim como a sede de sangue ensandecida do grupo, não importava quantos ela matasse. Em meio a tudo isso, Punho Flamejante estava sentado em seu cavalo, observando. Seu rosto era uma imagem de tédio, cheio de cicatrizes.

Cho trouxe Paz para perto dos lábios e falou com ela, sussurrando de maneira que ninguém mais podia ouvir. Em resposta, a lâmina zumbiu. Os próximos golpes cortaram espadas e armaduras, separando-as como se fossem papel de arroz. Homens morriam agarrados a feridas jorrando, perecendo sob uma espada cintilante e sussurrante, a qual não conseguiam bloquear,

empunhada por uma mestra cuja habilidade eles não podiam igualar. Mesmo assim, Cho sabia que números contavam muito, e era inegável que ela estava em desvantagem. À medida que cada homem caía sob sua lâmina sibilante, outro corria para tomar seu lugar, escalando os cadáveres para chegar até ela.

Quando Cho levou um golpe de espada de raspão na perna, pareceu inevitável. Ela atacou o espadachim e partiu seu rosto em dois, mas o dano estava feito. Cho podia sentir que estava perdendo velocidade. Paz já não cortava carne com tanta facilidade, pois a lâmina estava cega com tanta matança. Ela recuou, esquivou e empurrou, enquanto cortava um caminho em direção ao santuário. Outro golpe a atingiu no flanco. A lâmina ficou emaranhada em seu quimono, mas cortou suas costelas e arrancou dela um grito de dor. Então, ficou livre da multidão e cambaleou em direção à escada do santuário. Seu pé bateu no primeiro degrau. Ela se virou, e descobriu que os soldados não a estavam seguindo. Eles esperavam como uma moita eriçada de aço afiado apontada em sua direção. Havia corpos espalhados pela clareira, chamas altas subindo pela noite da cidade atrás deles, e cinzas caindo ao redor, como neve negra.

Punho Flamejante desceu do cavalo, empurrou seus guerreiros para o lado e caminhou em direção a Cho até não haver nada entre eles além de ar carregado. Cada um de seus punhos estava envolto em uma corrente oleosa, mas ele ainda não tinha posto fogo neles.

— É assim que deseja morrer, Lâmina Sussurrante?

Cho se recompôs e, apesar da dor, endireitou-se novamente. Estava difícil respirar, e sua perna sangrava muito. Ela olhou para sua segunda espada, amarrada na bainha. Porém, não iria desembainhá-la, nem mesmo com a morte a encarando de frente. Ela havia feito um juramento de nunca desembainhar aquela espada, e pretendia mantê-lo. Talvez fosse o único que ela já tivesse mantido. Cho segurou Paz com mais firmeza e ajustou sua postura, pronta para repelir um atacante mais forte.

Punho Flamejante bufou, e jogou as mãos acorrentadas para cima.

— Matem ela.

Seus homens fluíram ao redor dele como uma onda, e caíram sobre Cho. Ela derrubou dois deles, antes da primeira espada deslizar entre suas costelas. O espadachim atingiu o chão antes dela, com Paz alojada em seu pescoço. O segundo corte acabou com a luta: a dor da perfuração de algo vital era enlouquecedora. Depois de mais duas espadas cravadas no peito, Lâmina Sussurrante morreu com um grito.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM AGOSTO DE 2022